

Na rua da amargura

Categories : [Reportagens](#)

Nas grandes cidades, qualidade de vida também se mede pelas árvores que existem nas ruas. Elas ajudam a manter o ar respirável e uma temperatura amena, ainda que só se perceba o real valor desse patrimônio quando ele se torna escasso. Para recuperá-lo, é preciso muitas vezes um esforço de décadas – o que pode demorar ainda mais quando não se conhece a quantidade nem a qualidade das árvores urbanas. Este é um desafio concreto para as três maiores metrópoles brasileiras.

Algo pode ser confirmado de cara. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte têm mais semelhanças do que diferenças, a começar pelos tipos de árvores que habitam suas ruas. Segundo Roberto Okabayashi, chefe da divisão de arborização da [Fundação Parques e Jardins do Rio \(FPJ\)](#), as capitais brasileiras têm basicamente as mesmas espécies, inclusive as exóticas. “Como o Rio de Janeiro foi por muito tempo uma cidade referência para o Brasil, as mudas eram ‘exportadas’ e adaptadas aos outros estados”, explica.

Além disso, as metrópoles têm em comum a enorme dimensão de suas administrações, compatível com o tamanho da burocracia. As secretarias de Meio Ambiente sabem que é ousado demais fazer levantamentos sobre todas as árvores em vias públicas, mas já se convenceram de que esse trabalho é essencial para tomadas de decisão mais corretas em relação a estratégias de plantio, manejo e conservação das árvores em ambiente urbano.

Com apenas 16% de área verde, São Paulo largou na frente. Neste mês de abril, concluiu um projeto que diagnosticou 7.050 árvores e analisou o risco de queda de outras 5.200 nas sete regiões mais arborizadas da cidade, a pedido da [Secretaria do Verde e do Meio Ambiente \(SVMA\)](#). Segundo o biólogo Sergio Brazolin, coordenador do projeto encomendado ao [Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo \(IPT\)](#), foram registradas 50 informações diferentes de cada exemplar, que podem ajudar na elaboração de práticas de manejo adequadas a cada caso. A equipe de técnicos constatou que 18% das árvores estavam tomadas por cupins-subterrâneos e 24% continham fungos apodrecedores, geralmente associados a ferimentos.

A Secretaria aproveitou o estudo para compor um plano ainda maior. Elaborou o Programa de Arborização Urbana, que pretende plantar cerca de 200 mil novas árvores por ano no município, com um gasto estimado em R\$ 4,6 milhões. Precisamente R\$ 22,05 por árvore plantada. Antes mesmo de colocar o programa em prática, a Secretaria já comemora o apoio que ele vem recebendo nas audiências e consultas públicas, o que facilita a realização dos primeiros trabalhos e a definição de áreas prioritárias.

Rio de Janeiro e Belo Horizonte ainda não chegaram a esse ponto. Um dos grandes desafios para os cariocas é justamente atrair a atenção da população para a questão da arborização urbana. Segundo Cecília Machado, engenheira florestal da Fundação Parques e Jardins, os rituais de macumba estão entre as principais ameaças às árvores da cidade. “As pessoas acendem velas perto dos troncos e as árvores queimam por dentro. Isso quando não vemos mendigos cozinhando aos seus pés”, explica. Para complicar, o medo da violência deixou as pessoas mais resistentes ao plantio, principalmente na zona norte da cidade, mais pobre e desorganizada. “Elas acreditam que ladrões possam subir nas árvores e entrar nas residências, além da questão da sujeira”, diz Cecília. “Já ouvimos até a desculpa de que se puséssemos uma árvore em frente à casa de uma senhora, alguns ‘desocupados’ iriam usar a sombra dela”, conta Roberto Okabayashi.

No Rio de Janeiro, a Fundação estima que haja cerca de 600 mil árvores em vias públicas. Todos os anos uma média de 20 mil mudas são plantadas por cumprimento de medidas ambientais compensatórias e em virtude do “Habite-se”, licença de moradia concedida pela prefeitura. Ele obriga os proprietários a plantarem uma cota de árvores de acordo com o tamanho da área construída.

Boa parte do plantio de novas árvores realizado em Belo Horizonte se beneficia do mesmo tipo de lei. Márcia Vital, gerente de gestão ambiental da [Secretaria de Meio Ambiente da capital mineira](#), acredita que por se tratar de uma cidade planejada, a legislação municipal é mais rígida, inclusive em relação à arborização. “Nenhuma árvore pode sofrer intervenção sem autorização da prefeitura, e temos técnicos que fazem rondas pelas ruas da cidade para verificar se está tudo nos conformes”, explica. Segundo ela, mesmo sem grandes campanhas de conscientização, a população participa e colabora com o trabalho dos técnicos.

A Prefeitura de Belo Horizonte começou a fazer um levantamento parcial das árvores do centro da cidade, o que lhe deu condições de estimar que no município existam 250 mil árvores. O Rio, apesar de também registrar pesquisas pontuais desse tipo, ainda está na fase de planejamento de seu inventário arbóreo. “Estamos querendo seguir o exemplo de Salvador, Porto Alegre, Vitória e Maringá, já fizeram levantamentos semelhantes”, conta Roberto Okabayashi.

As cidades que começaram a fazer pesquisas mais cedo são hoje consideradas exemplos de arborização urbana. Nem mesmo o Rio de Janeiro, que tem a maior floresta urbana do mundo incrustada no coração da cidade, apresenta índices de arborização invejáveis como os de Maringá (PR) ao longo da década de 90 e os de João Pessoa (PB), considerada a cidade mais arborizada do Brasil. Nenhuma delas, no entanto, mereceu a menção que teve Porto Alegre em uma pesquisa feita pela ONG inglesa [Trees For Cities](#). A capital gaúcha foi eleita a terceira cidade mais arborizada do mundo em relação ao número de habitantes, ficando à frente de Nova York e atrás apenas de Glasgow e Londres.

Mas de pouco vale ter destacada posição no ranking se ainda não se estabeleceu um critério para julgar o que é considerado aceitável em termos de arborização. A Organização das Nações Unidas (ONU) ainda pretende elaborar um índice que meça a qualidade e o impacto que determinada quantidade de árvores exerce sobre a sociedade.

A criação de uma recomendação mundial sobre as árvores não vai alterar os motivos pelos quais é imprescindível mantê-las firmes e fortes em ambiente urbano. As árvores reduzem a intensidade da radiação solar, aumentam a umidade relativa do ar, diminuem as poluições atmosférica e sonora, melhoram o aspecto paisagístico das cidades, além de influenciarem o microclima urbano. Para se ter uma idéia, um estudo comprovou que uma árvore isolada pode transpirar cerca de 380 litros de água por dia, resfriando o equivalente a cinco aparelhos de ar condicionado médios em funcionamento durante 20 horas diárias. Alguns especialistas já conseguiram registrar diferenças de até 10º C entre áreas bem e mal arborizadas na cidade de São Paulo. Daí é possível ter uma idéia do poder das árvores para melhorar a vida urbana. A começar por nossa própria rua.